

Etiquetagem: considerações acerca de algumas marcas diaevaluativas em dicionários

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i3.2430>

Fábio Henrique de Carvalho Bertonha¹

Resumo

Este artigo trata das marcas de uso presentes em quatro dicionários de língua geral: *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (2015), *Vocabolario della lingua italiana* (2013), *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (2010) e *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2009). Considerando-se que as rubricas representam a perspectiva pragmática descrita nos dicionários, por meio delas, pode-se indicar ao consulente um sentido intencional do falante no discurso (marcas diaevaluativas). Essa intencionalidade nos interessa, pois desejamos analisá-las, observando se há uma variação inter e/ou intralinguística e, além disso, verificar sua coerência e utilidade ao consulente. Primeiramente, levantamos algumas [*disapproving* e *ironic* (no OX); *ironico* e *spregiativo* (no ZI); irônico e pejorativo (no AU); ironia e pejorativo (no HO)] para, posteriormente, contrastarmos unidades lexicográficas desses dicionários. Pretendemos verificar como são tratadas nessas obras supramencionadas.

Palavras-chave: lexicografia; dicionários monolíngues; marcas de uso; marcas diaevaluativas.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; fabio.bertonha@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-0770-4302>

Labeling: considerations concerning some diaevalutive labels in dictionaries

Abstract

This paper deals with use labels found in four general language dictionaries: *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (2015), *Vocabolario della lingua italiana* (2013), *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (2010) e *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2009). Considering labels represent pragmatic perspective described in the dictionaries, through them, it's possible indicate to user a speaker's intentional meaning in discourse (diaevalutive labels). This intentionality interests us because we want to analyze them, observing whether there is an inter and/or intralinguistic variation; moreover, verifying their coherence and usefulness to user. First, we gathered some labels [disapproving and ironic (in OX); *ironico* and *spregiativo* (in ZI); *irônico* and *pejorativo* (in AU); *ironia* and *pejorativo* (in HO)] for, subsequently, we contract entries of these dictionaries. We intend to verify how they are treated in these aforementioned dictionaries.

Keywords: lexicography; monolingual dictionaries; usage labels; diaevalutive labels.

Primeiras considerações

As línguas apresentam situações expressivo-comunicativas que se servem de imagens, podendo apresentar sentidos diferentes em contextos diferentes. Assim, este artigo apresenta uma análise em quatro dicionários monolíngues eletrônicos, reconhecidamente relevantes, a fim de se verificar que tipo de tratamento é dado por esse grupo de dicionaristas no que diz respeito às marcas de uso. Desse modo, nossas fronteiras de pesquisa se estabelecem no universo das marcas de uso inseridas em nossa fonte de dados composta pelos quatro dicionários monolíngues eletrônicos, a saber: *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2010 – AU); *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009 – HO); *Vocabolario della Lingua Italiana* (ZINGARELLI, 2013 – ZI); e *Advanced Learner's Dictionary* (OALD, 2015 – OX).

Podemos ver o dicionário como sendo um discurso, no qual se procura explicitar a relação entre língua, sujeito e história na constituição do discurso lexicográfico; por conseguinte, as marcas de uso refletem a história contemporânea vivida por seus países. Há relevância neste estudo principalmente para aqueles que são estudiosos da linguagem, não só para favorecer instrumentos linguísticos, mas também para se pensar na constituição do discurso, pois o léxico assinala todas as marcas culturais de um povo por meio dos signos. Assim, os dicionários tornam-se obras de referência ao fazer os registros sócio-histórico-culturais de um povo.

Logo, pretendemos contribuir com o desenvolvimento da análise discursiva de dicionários, sobretudo no que se refere aos trabalhos contrastivos com dicionários monolíngues e também contribuir para a Lexicografia, legitimando o dizer social ao evidenciar e caracterizar as marcas de uso.

A contribuição das rubricas nos dicionários

O estímulo à pesquisa no campo das marcas de uso levou à proposta de reflexão sobre os principais dicionários brasileiros, bem como sua comparação a dois outros dicionários internacionalmente reconhecidos a fim de proporcionar respostas mais objetivas e diretas aos consulentes que buscam entender e usar corretamente a língua. Com isso, esta pesquisa visa contribuir, efetivamente, por exemplo, com o trabalho do tradutor, que compreende a íntima ligação entre o léxico (um sistema aberto, atemporal) e o dicionário (conjunto fechado que trata de um recorte espaço-temporal). Academicamente, o tradutor deve pensar nessa conexão, pois auxilia-o a ampliar o campo de visão vindo do texto de partida para o de chegada, refletindo sobre o inter-relacionamento cultural (MARCUSCHI, 2004).

Assim sendo, como ponto de partida, esta pesquisa tomou o léxico como conjunto de palavras presente na língua das sociedades envolvidas, dicionarizado nas obras citadas nas referências. De fato, o léxico assinala as impressões culturais de um povo por meio dos signos linguísticos a partir do momento em que os dicionários se tornam valiosas obras de referência de um povo ao realizar, por meio de palavras, os registros sócio-histórico-culturais de uma época. No que diz respeito aos dicionários, eles podem levar a imprecisões ou mesmo induzir a interpretações errôneas despertando um sentimento de censura ou de rejeição dependendo do modo como registram ou cunham um item lexical e os definem. Com efeito, essas definições podem ser um espelho da realidade social de um determinado povo, num determinado momento, quando, por exemplo, um lexicógrafo registra em seu dicionário a seguinte acepção para a entrada “coxinha”²: “coxinha. [Pejorativo] Gíria. Pessoa conservadora, contrária a mudanças, politicamente correta que, normalmente, se identifica com os ideais burgueses ou tem uma preocupação exagerada com sua própria aparência.”

Essa definição, além de retratar um período sócio-histórico-político pelo qual o Brasil está passando (2015-2019), descreve a ironia com a qual uma parte da população brasileira

2 coxinha *substantivo feminino*. Salgadinho que se assemelha com uma coxa de galinha, sendo empanado, frito e, normalmente, acompanhado por um recheio de frango. [Por Extensão] A menor coxa da galinha. [Pejorativo] Gíria. Pessoa conservadora, contrária a mudanças, politicamente correta que, normalmente, se identifica com os ideais burgueses ou tem uma preocupação exagerada com sua própria aparência. Verbete na íntegra, extraído de *Dicionário On-line de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/coxinha/>. Acesso em: 07 set. 2019.

tem sido “reproduzida”, ou seja, com escracho, desdém, soberba por ser contrária ao partido político que estava no poder, a saber, o da esquerda. Nesse dicionário, como se observa, há duas marcas de uso, uma gíria e outra de cunho pejorativo que dizem muito para o consulente do dicionário. As marcas “pejorativo” e “gíria” expressam o exato sentido de como esse item lexical é empregado pelos falantes brasileiros: informalmente, usado para descrever uma pessoa vista como “certinha”, “arrumadinha”, cuja origem remonta à cidade de São Paulo e tem um sentido depreciativo, uma vez que indica aquele indivíduo que é considerado politicamente correto e conservador; geralmente, possui boa condição financeira, usa roupa de marcas, frequenta a “balada” e a academia, pois preocupa-se muito com sua imagem, sendo caracterizado como um “burguês”. Nesse sentido, quem está imerso nesse ambiente reconhece esse sujeito; dessa forma, as marcas de uso cumprem sua função, alertando o usuário do dicionário quanto ao seu uso indiscriminado.

Acreditamos, após nossa explanação, que estudar e propor vias de sistematização para marcas de uso em dicionários brasileiros justifica-se plenamente.

Afinal, o que são marcas de uso?

A fim de favorecer a descrição das unidades lexicográficas, as marcas de uso (também chamadas na literatura de “etiquetas”, “rubricas”, “rótulos”) se apresentam como componentes substanciais na constituição do verbete dos dicionários de língua geral. Lara (2004, p. 31) evidencia a importância da “etiquetagem” na definição para que a obra lexicográfica seja capaz de colaborar para a compreensão do item lexical nos diversos contextos. Nota-se que elas são os recursos constantemente utilizados ao se tratar da variação linguística, apontando para o fato de que “as marcas de uso caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística” (STREHLER, 1998, p. 172).

Garriga Escribano (2003) afirma que as marcas são utilizadas para assinalar que os itens lexicais apresentam restrições de uso; entretanto, são fundamentais para os consulentes, mesmo que sua disposição nos dicionários, em geral, ocorra de forma assistemática e pouco objetiva. Já Porto Dapena (2002), em contrapartida, acredita que o consulente dê pouca atenção a elas por desconhecer o significado das abreviaturas, sendo que a isso há ainda imprecisão e incoerência na maneira como são apresentadas, corroborando para o desinteresse em compreendê-las.

No verbete, esperam-se informações que façam referência: (i) ao registro (“formal”, “informal”, “coloquial”, “literário” ou “gíria”) em que determinada palavra ou sentido sejam utilizados; (ii) à sua hodiernidade (“arcaico” ou “em desuso”); (iii) à sua limitação geográfica (espaço por onde a palavra ou sentido são utilizados); (iv) ou ainda ao efeito de sentido que tal uso possa causar (“jocosidade”, “eufemismo” ou “pejoratividade”).

Conforme aponta Lara (1996, p. 247-248), historicamente, esses “rótulos” são normativos uma vez que advertem o usuário do dicionário quanto ao uso; no entanto, esse mesmo autor reconhece que, na atualidade, as marcas têm se tornado mais descritivas que normativas, almejando localizar social, morfológica ou genealógicamente as palavras e os usos registrados.

Também a questão da assistemática é apontada por Borba (2003, p. 315), referindo-se à inclusão das marcas visto que “os dicionários costumam incluir este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários”. Com frequência, a relação estabelecida entre as marcas e outros componentes do verbete podem gerar ambiguidades na medida em que a marca poderia se referir a uma única ou a várias acepções. Por isso Welker (2004, p. 134) destaca a relevância das marcas de uso na constituição do verbete e posterior consulta:

[...] apesar de todas as dificuldades, seria desejável que houvesse mais marcas de uso do que se verificam na maioria dos dicionários. Elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto.

Graças a elas, é possível indicar ao consulente quais as restrições de uso de determinada unidade lexicográfica, atualizando-a quanto ao seu *status* no sistema linguístico. Para tanto, Garriga Escribano (2003) subdivide as marcas em: diacrônicas, diatópicas, diafásicas, diastráticas, diatécnicas e marcas de transição semântica.

Por outra perspectiva, Fajardo (1996-1997) assinala os muitos problemas que envolvem o uso das etiquetas nas obras lexicográficas. Eles vão desde a ausência de uma definição transparente quanto aos valores atribuídos a cada um dos rótulos usados nos dicionários até a sobreposição de dois ou mais valores sem que, explicitamente, não seja marcada a diferença entre eles, tais como, “popular” e “coloquial” ou “antiquado”, “arcaico”, “desuso” e “obsoleto”. Esse mesmo autor ainda discorre sobre a importância de uma sistematização das marcas de uso, buscando eliminar possíveis ambiguidades ou mesmo repetições desnecessárias.

Logo, percebemos que falta aporte teórico no qual a Lexicografia possa se sustentar para o estabelecimento de uma classificação unânime quanto às marcas de uso, resultando em abordagens superficiais, subjetivas e discordantes nos dicionários. Assim, visto que há distinção controversa, torna-se pertinente o exame dessas marcações e a problematização da ausência de etiquetas, sobretudo pelo fato de que, em dicionários eletrônicos, esses elementos constituintes da microestrutura podem ser utilizados como chaves de busca, dos quais pode ser manifestada uma ideologia.

Pressupostos teóricos adotados

Ao se buscar um significado no dicionário, é necessário que se faça uma reflexão, uma interpretação, no conjunto (con)textual, tendo em vista as várias dimensões de informação que compõem esse significado. Dessas informações, tem-se o indivíduo que as busca e “de espelho do mundo, o dicionário passa a ser visto como participante ativo do mundo da linguagem” (COROA, 2011, p. 69).

A língua dicionarizada mostra-se heterogênea conforme diversos aspectos (sociais, espaciais, temporais, políticos, profissionais etc.). Tanta diversidade irá determinar a ocorrência de diferentes tipos de marcação expressa pelo emprego de inúmeras marcas de uso (informações restritas ou condicionantes ao uso do léxico). Além disso, as rubricas determinam “normas linguísticas, permitindo uma comunicação transcultural no interior de uma mesma comunidade” (FIORIN, 1993, p. 104).

Já ressaltava Borba (2003, p. 309), “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”; logo, tanto as entradas selecionadas quanto as definições servem como exemplo da relação entre dicionário e cultura, pois, as definições descrevem o modo como a sociedade entende os objetos e seres do mundo em certo período sincrônico. Segundo Corrêa (2012, p. 364), as rubricas, por sua vez, indicam o nível da linguagem, a área de especialidade a que o lexema pertence, buscando contextualizar o uso vocabular e facilitar a compreensão do significado.

Enfim, não podemos deixar de mencionar o papel daquele que produz a obra, de sobremaneira que, independente de qual seja o dicionário, a “presença” do lexicógrafo, enquanto sujeito social, inevitavelmente trará ideias e concepções concernentes à sociedade de que faz parte (ORLANDI, 2000). Assim, o dicionário se mostra um amplo e pungente espaço discursivo no qual muitas são as reflexões e discussões propiciadas, pois há uma orientação, por exemplo, conforme a situação política.

Amplamente presentes na produção lexicográfica moderna, as marcas de uso, registradas de forma apropriada ou não, aparecem nos dicionários de língua cuja presença é fundamental, em particular, se o objetivo for para a codificação, como destaca Fiorin (1993). Assim sendo, os dicionários, ao serem estudados, via perspectiva discursiva, possibilitam uma mobilização, quanto aos conceitos da Análise de Discurso, a fim de se compreender as marcas que se encontram inseridas nos verbetes, pois, para a Análise de Discurso, o dicionário é um objeto discursivo formulado em uma conjuntura social produtor de efeitos de sentido que ecoam e evocam memórias discursivas.

O árduo trabalho de rotulação enfrentado por todos os dicionaristas e metalexígrafos é constatado por Welker (2004), mesmo em dicionários da mesma língua. Como apresentam um caráter, de certo modo, intuitivo e pouco compreendido pelos consulentes, as marcas de uso, por vezes, são arbitrárias.

Muito frequentemente, as etiquetas são apresentadas com realce tipográfico e, devido à sua recorrência, são abreviadas. É muito comum que os dicionários apresentem uma lista de abreviaturas, constando as marcas de uso utilizadas na obra. Entretanto, é importante ressaltar, como aponta Garriga Escribano (2003), que não necessariamente as abreviaturas corresponderão às marcas de uso, pois outros elementos (como a classe gramatical, gênero e número) podem se encontrar abreviados também.

Muito além das questões que envolvem tipografia e nomenclatura, é primordial que haja coerência na inserção das marcas ao longo da obra lexicográfica por meio de uma sistematização teórica. Logo, com a intenção de contribuir para uma forma de sistematizar, Hausmann (1977 *apud* WELKER, 2004, p. 131) apresenta uma lista na qual busca categorizar os tipos de marcas de uso com as quais podemos nos deparar em um dicionário:

[...] diacrônicas (por exemplo, antiquado, envelhecido, neologismo); diatópicas (aplicadas a acepções restritas a certas regiões ou países); diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos); diamediais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita); diastráticas (por exemplo, chulo, familiar, coloquial, elevado); diafásicas (diferenciam entre as linguagens formal e informal); diatextuais (assinalam que o lexema – ou acepção – é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, poético, literário, jornalístico); diatécnicas (informam que a acepção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto); diafreqüentes (em geral: raro, muito raro); diaevaluativas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, pejorativo, eufemismo); dianormativas (indicam que o uso de certa acepção – ou lexema – é errado pelas normas da língua padrão).

Aparentemente, analisando as marcas de uso propostas acima por Hausmann, seríamos levados a acreditar que há um padrão estabelecido e se trataria apenas de adequar a acepção do verbete a uma das 11 marcações já mencionadas. No entanto, tais “microsistemas” podem exibir problemas (WELKER, 2003). Concernente à problemática, a princípio, tem-se que os estrangeirismos seriam fáceis de serem identificados, porém, não há uma precisão para se determinar o instante em que tais unidades lexicais deixam de ser consideradas como estrangeirismos, ou seja, delimitar o rótulo mostra ser o ponto crucial da discussão, pois as fronteiras são muito fluidas para demarcá-lo seguramente. Ademais, quanto às marcas diatópicas (regionalismos), se observarmos dicionários da língua inglesa, as únicas variantes utilizadas são a britânica e a norte-americana, sendo que, para um dicionário eletrônico, muitas outras variantes poderiam ser marcadas, pois não há problemas de volume.

Ainda em Welker (2004), encontramos uma nota de rodapé que, por um lado, ressalta o tratamento detalhado encontrado nas marcas de uso em Houaiss (2001), por outro lado, destaca a perspectiva da norma linguística europeia utilizada em Ferreira (2001). Dessa forma, interessa-nos verificar se, nas versões mais atualizadas de ambos os dicionários, ainda permanecem contrastes divergentes ou se houve uma convergência quanto ao tratamento de seus rótulos linguísticos. Tanto Biderman (2000, p. 43 *apud* WELKER, 2004, p. 133) quanto Borba (2003, p. 322 *apud* WELKER, 2004, p. 133) criticam a forma e as fontes utilizadas para determinar essas marcações, pois, para se caracterizar marcas diatópicas, deve-se conceituar “regionalismo” de maneira inequívoca, o que, na prática, não acontece. Por exemplo, “mangalho” (“pênis”) é uma unidade lexical que, no Houaiss (2009), como marcas de uso, apresenta-se como “tabuísmo” e “Regionalismo: PE”, enquanto Ferreira (2010) apresenta “chulo” e “Bras. PE”.

Apesar das críticas e das dificuldades que envolvem as marcas de uso, não há como negar sua vital necessidade. Assim, talvez, o ideal seria um número maior delas, bem como sua maior utilização nas obras ao primarem pela exatidão. Uma vez que não estejam presentes, o consulente será levado a acreditar que as unidades lexicais pertencem ao registro neutro; desse modo, ele precisa de um elemento diferenciador na busca pelo entendimento preciso e seguro da língua.

Metodologia empregada durante a investigação

Neste trabalho, consideramos as rubricas pesquisadas e encontradas nos dicionários monolíngues eletrônicos AU, HO, OX e ZI, nosso *corpus* de investigação. Fizemos o levantamento das etiquetas dessas obras dicionarísticas, das quais trataremos de algumas marcas diaevaluativas, buscando por pontos convergentes e divergentes entre as comunidades linguísticas brasileira, inglesa e italiana.

A escolha por tais dicionários foi motivada pela possibilidade de análise intralinguística, observando semelhanças e diferenças na língua portuguesa, variante brasileira, a partir da análise de duas obras de referência reconhecidamente validadas no Brasil, bem como dois dicionários de outras duas línguas, a fim de analisar, de modo interlinguístico, duas obras publicadas em diferentes países (de língua inglesa e italiana). Pois desejamos observar como as marcas de uso apresentadas são construídas na conjuntura social brasileira, assim como compreendê-las nos sistemas linguísticos europeus em que o inglês e o italiano são as línguas oficiais.

Neste trabalho, examinamos alguns verbetes de cada um dos dicionários para observarmos se os discursos dos lexicógrafos se aproximam ou se distanciam e se as marcas de uso refletem esses discursos. Analisamos cada dicionário separadamente por meio da observação dos enunciados presentes nos verbetes e, posteriormente, propomos algumas considerações comparativas.

Via coleta manual, foram encontradas 689 rubricas em AU, 1367 em HO, 59 em OX e 167 em ZI, das quais as marcas diaevaluativas (objeto deste artigo) correspondem, respectivamente, a 27, 41, 8 e 11 nessas obras. Desse montante, restringimo-nos sobre as marcas de avaliação “pejorativo” (em AU e HO), “irônico” (em AU), “ironia” (em HO), *disapproving* e *ironic* (em OX) e, por fim, *ironico* e *spregiativo* (em ZI).

Dicionários e as marcas diaevaluativas

À medida que descrevem o léxico de uma língua, as obras dicionarísticas reproduzem não apenas conceitos admissíveis em sociedade, mas também seus usos correntes, pois, segundo Correia (2013, p. 104),

[...] ao reflectirem o modo como as sociedades conceptualizam o mundo, os léxicos das línguas são objectos privilegiados para a observação dos estereótipos próprios de cada sociedade e, conseqüentemente, dos preconceitos que dela emergem. Entre esses preconceitos, podemos referir aqueles que se prendem com a etnia (grupos humanos agrupados em torno de características físicas, culturais, religiosas, linguísticas, etc.), o sexo, a faixa etária, a profissão, a classe social, a filiação ideológica ou partidária, entre outros. Em qualquer língua encontram-se inúmeras palavras e expressões lexicalizadas que denotam os estereótipos dessa sociedade e, ao mesmo tempo e conseqüentemente, os preconceitos a cada grupo, seja ele minoritário ou não.

Assim, a pesquisa aqui proposta incide sobre a forma como são tratadas as marcas diaevaluativas pelos dicionários AU, HO, OX e ZI. Entendemo-las como rubricas que foram utilizadas, nesses dicionários, a partir de uma visão, de uma avaliação particular, caracterizando-as com uma carga de emotividades que levam o consulente a referendar determinada atitude ao utilizar unidades lexicais que contenham essa etiquetagem.

Análise de alguns verbetes etiquetados com “pejorativo”, “irônico”, “ironia”, *disapproving*, *ironic*, *spregiativo* e *ironico*

Na sequência, propomos a análise de algumas unidades lexicográficas que apresentam uma etiquetagem diaevaluativa. Para entendermos a escolha por essas marcas, é necessário compreender como são conceituadas por seus respectivos lexicógrafos, pois, sem sua devida verificação, o consulente pode ser levado a equívocos pragmáticos. A figura posterior demonstra a seleção das marcas que são fruto de nossas análises.

Figura 1. Marcas diaevaluativas analisadas



Fonte: Elaboração própria.

À vista disso, antes de partirmos para a análise propriamente dita dos verbetes, vejamos como definem/indicam suas marcas. Por exemplo, em HO, em sua chave de uso, encontram-se exemplos e explicações sobre as etiquetas utilizadas (p. XVIII-XX), especificamente, de nosso interesse, neste trabalho:

11.8 O nível pejorativo é característico de palavras, expressões ou acepções que são (ou, na dependência do contexto, *podem ser*) grosseiras, ofensivas, ferinas ou preconceituosas: *abutre* ('pessoa desalmada'), *acadêmico* ('falta de originalidade'), *açougueiro* ('dentista ou cirurgião inábil'), *milico*, *cabeça de bagre* etc. 11.9 A ironia pode ser: a) o uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto à que deveria ser empregada, para definir ou denominar algo, ressaltando do contexto (por exemplo, chamar de *alemão* um atleta negro; chamar de *baixinho* alguém especialmente alto etc.); b) o uso de palavra, expressão ou acepção de caráter sarcástico; c) o uso de palavra ou expressão zombeteira para se elogiar, lastimar ou repreender (*asteísmo*). (HOUAISS, 2009, p. XIX).

Já em AU, na seção "Como usar este dicionário", há uma explicação genérica sobre como estão identificadas as rubricas nessa obra e, mais adiante, quais são as abreviaturas utilizadas, praticamente uma lista de abreviaturas (p. XXI-XXIV), porém, diferentemente de HO, carecem de detalhamento com relação a seus usos.

Da mesma maneira que AU, é possível verificar que ZI apresenta apenas uma lista das abreviaturas usadas no dicionário (p. 4-5). Além disso, também não oferece definições e/ou contextualizações sobre suas etiquetas, restringe-se a comentá-las em poucas linhas (p. 9). Por outro lado, OX apresenta suas rubricas (p. 1-2), definindo e exemplificando-as, de modo claro, a fim de contribuir para uma melhor compreensão por parte de seu consulente.

É importante ressaltar que tanto OX quanto HO usam etiquetas as quais seus lexicógrafos pretendem que os usuários de seus dicionários compreendam pelo detalhamento inicial de suas obras. Assim, a partir dessa constatação, poderíamos afirmar que, ao serem apenas apresentadas em forma de lista (como em AU e ZI), as marcas poderiam levar a uma não compreensão plena da unidade lexicográfica, conseqüentemente, essas etiquetas falhariam com seu objetivo junto a seu público leitor. Também acreditamos que, conforme Porto Dapena (2002, p. 249),

[...] os consulentes de dicionário prestam, em geral, pouca atenção, quando as marcas são incômodas, porque normalmente vêm expressas por abreviaturas ou por outros meios cujo sentido é desconhecido. Além disso: os próprios lexicógrafos, os autores do dicionário, usam as marcas, às vezes, sem muito rigor, levando a algumas inconsistências e imprecisões.

Com isso, defendemos que a etiquetagem precisa cumprir a função de apresentar particularidades que são esperadas acerca das unidades lexicográficas. Faz-se necessário que ocorra o registro consistente, preciso e rigoroso do lexicógrafo, contribuindo para que o consulente possa compreendê-las. Tendo em vista os dicionários avaliados, percebemos que as rubricas de HO e OX são mais apropriadas e objetivas do que aquelas encontradas em AU e ZI, por não esclarecerem os conceitos de suas etiquetas.

Partindo dessa seleção, iremos traçar nossas análises, subdividindo-as em dois grupos, pois julgamos contemplar situações similares com as quais os consulentes irão se deparar e, com a subdivisão, poderão se mostrar mais esclarecedoras.

a) irônico, ironia, *ironic* e *ironico*

Conforme supramencionado, ao não encontrarmos a conceituação de “irônico” (rubrica em AU), em sua chave de uso, partimos para verificar sua entrada “irônico” (rubrica usada em algumas microestruturas), que se apresenta como “adjetivo. 1. Em que há ironia. 2. Sarcástico, zombeteiro. [Var. pros., lus.: *irónico*.]”. Por outro lado, “ironia” (substantivo usado como uma das etiquetas em HO), conceitua-se como

[...] substantivo feminino. 1 Rubrica: retórica. figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empr., para definir ou denominar algo [A ironia ressalta do contexto.] 1.1 Rubrica: literatura. esta figura, caracterizada pelo emprego inteligente de contrastes, us. literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos. 2 m.q. *asteísmo* ('uso sutil'). 3 uso de palavra ou expressão sarcástica; qualquer comentário ou afirmação irônica ou sarcástica. 4 Derivação: sentido figurado. contraste ou incongruência que se afigura como sarcasmo ou troça; acontecimento marcado por esse contraste ou incongruência. (HOUAISS, 2009, s.v. ironia).

Verificamos que, em HO, a definição do verbete dialoga com a explicação proposta em sua chave de uso, contribuindo, assim, para uma melhor compreensão do consulente.

No Quadro 1, a seguir, destacam-se a ocorrência e a ausência de etiquetagem no lema “boa-peça” em AU e HO:

Quadro 1. Rubricas encontradas na entrada “boa-peça”

ENTRADA	AU	HO
boa-peça	irôn.	Ø ³

Fonte: Elaboração própria

Para comparar, voltando-se ao AU, encontramos a entrada “boa-peça” que possui em sua microestrutura a rubrica “irôn.” da seguinte forma: “Adjetivo de dois gêneros. Substantivo de dois gêneros. 1. Irôn. Diz-se de, ou pessoa que tem maus costumes; tratante. [Pl.: *boas-peças*.]”. É necessário entender essa marca a partir de sua própria entrada, pois assim é possível vislumbrar a perspectiva de seu lexicógrafo, uma vez que pressupomos que haja coerência na formulação de toda a obra. À vista disso, podemos compreender que as lexias que apresentarem a marca “irôn.” corresponderão a unidades lexicográficas com significados sarcásticos e zombeteiros.

Já no HO, “boa-peça” não apresenta rubrica, conforme verificamos em sua microestrutura: “substantivo de dois gêneros. indivíduo cujo caráter, comportamento ou costumes são ética ou moralmente reprováveis; peça, pilantra, boa-rolha, bisca”. Com isso, constatamos que há diferenças intralinguisticamente no fazer lexicográfico do Brasil. Notamos que, mesmo AU definindo-a de maneira mais concisa, ainda assim faz uso de uma rubrica, talvez, mais contundente do que sua definição; enquanto HO usa de mais informações e posicionamentos subjetivos, porém, não faz uso de nenhuma marcação de valor.

No Quadro 2, logo abaixo, constata-se que há lemas que apresentam várias marcas de uso.

3 Ausência de marcas de uso.

Quadro 2. Rubricas encontradas na entrada “encomenda”

ENTRADA	AU	HO
encomenda	Bras. Chulo Irôn.	Regionalismo: Brasil Uso: tabuísmo Uso: informal Uso: informal, ironia

Fonte: Elaboração própria

Outro exemplo diz respeito a “encomenda” (em HO), pois, em sua microestrutura, há rubricas que revelam a intenção do falante no discurso – segundo os lexicógrafos dessa obra –, verificável a seguir:

[...] encomenda. Substantivo feminino. ato de encomendar; encomendação. 1 solicitação ou pedido de compra, prestação de um serviço etc. 2 aquilo que se encomenda. 3 Regionalismo: Brasil. Uso: tabuísmo. as partes pudendas do homem. 4 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. feitiço, mandinga, serviço. e. das almas m.q. *encomendação das almas*. adeus, minhas e. Uso: informal. foi-se o que se esperava; adeus, viola!; babau! de e. Uso: informal, ironia. que veio a calhar. (HOUAISS, 2009, s.v. encomenda).

Observamos que a locução adverbial apresenta duas marcas de uso: “de encomenda. Uso: informal, ironia. que veio a calhar”. O mesmo ocorre ao verificarmos que nem “informal” nem “ironia” são entendidas como rubricas que deveriam constituir essa mesma locução em AU, porém, sua entrada oferece duas rubricas para sua terceira acepção e, além disso, a etiqueta “ironia” se faz presente em uma fraseologia, como pode-se constatar:

[...] encomenda. Substantivo feminino. 1. Ato de encomendar; encomendação. 2. Aquilo que se encomenda; incumbência, encargo, comissão. 3. Bras. Chulo As partes pudendas do homem. [M. us. no pl., nesta acepç.] 4. Bras. Feitiço, mandinga, serviço. Encomenda das almas. Bras. Rel. Encomendação das almas (q. v.). Adeus, minhas encomendas! Acabou-se; babau!; foi-se, adeus, viola: “— Não precisa falar — disse Guiomar —, já sei que me acha bonita. É o que me diz todos os dias, com risco de me perder, porque se eu acabo vaidosa, adeus, minhas encomendas, ninguém mais poderá comigo.” (Machado de Assis, *A Mão e a Luva*, em *Obra Completa*, 1.º vol., p. 332.) De encomenda. 1. A calhar: “Sérios, vestidos de preto, com uma tristeza de encomenda, chegavam e alinhavam-se na sala” (Inglês de Sousa, *O Coronel Sangrado*, p. 194.) 2. Segundo instruções prévias; sob medida. Sair melhor do que a encomenda. Irôn. Sair pior do que se esperava. (FERREIRA, 2010, s.v. encomenda).

Diferentemente de HO, que usa um substantivo (“ironia”), mas da mesma forma como em AU, as línguas inglesa e italiana também se utilizam de adjetivos (*ironic* e *ironico*) e de advérbios (*ironically* e *ironicamente*) para suas rubricas, conforme verificamos:

irônico (amor). 1 demonstrar que, de fato, significa o oposto daquilo dito; expressar ironia: um comentário irônico. 2 (de uma situação) estranho ou divertido, porque é muito diferente do que se espera: É irônico que ela virou professora – ela odiava a escola. – Ver também ironia. Advérbio: ironicamente, o livro que ela apostou foi a pior venda de exemplares do que qualquer um dos seus outros. Ele sorriu ironicamente. (OALD, 2015, s.v. *ironic*)⁴. (OALD, 2015, s.v. *ironic*).

irônico. adj. (pl. m. -ci) característica de quem se expressa com ironia: quando fala é sempre muito irônico / daquilo que expressa ou manifesta ironia: sorriso, saudação irônica // ironicamente, adv. com ironias⁵. (ZINGARELLI, 2013, s.v. *ironico*).

Vejamos exemplos de marcas de uso, inglesa e italiana, no Quadro 3.

Quadro 3. Rubricas em *love* e em *burocratese*

ENTRADA	OX	ENTRADA	ZI
<i>love</i>	<i>ironic</i>	<i>burocratese</i>	<i>iron.</i>

Fonte: Elaboração própria

Diante disso, no OX impresso, pode-se verificar na microestrutura de *love* (“amor”) uma *label* (“rubrica”) – *ironic* – em “Você vai adorar isso. Eles mudaram de opinião de novo”⁶, a qual porta o significado de adorar fazer algo, entretanto, não há essa marca, nem esse sentido contemplados na versão *on-line* do OX. Do mesmo modo, desejando-se demonstrar certa irritação com serviços públicos, tem-se, no italiano, *burocratese*. s. m.

4 No original: “ironic (love). 1 showing that you really mean the opposite of what you are saying; expressing irony: an ironic comment. 2 (of a situation) strange or amusing because it is very different from what you expect: It’s ironic that she became a teacher – she used to hate school. – see also irony. Adverb: Ironically, the book she felt was her worst sold more copies than any of her others. He smiled ironically”.

5 No original: “ironico. agg. (pl. m. -ci). di chi usa esprimersi con ironia: quando parla è sempre molto ironico | di ciò che esprime o manifesta ironia: sorriso, saluto ironico // ironicamente, avv. con ironi”.

6 No original: “You’re going to love this. They’ve changed their minds again.”

(*iron.*) “linguagem e estilo morosos e complicados dos burocratas”⁷, lexia que, claramente, critica a morosidade da burocracia na Itália. Nota-se que as etiquetas utilizadas auxiliam o consulente dos respectivos sistemas linguísticos a compreender o sentido pragmático das lexias, não apenas para os nativos dessas línguas, mas sobretudo para os aprendizes que as têm como línguas estrangeiras, dado que a ironia é um traço linguístico muito perspicaz que consiste em se dizer o oposto daquilo dito/escrito com o propósito de ridicularizar ou enfatizar características, resultando, às vezes, em risos, sarcasmo ou também significados subjacentes.

Portanto, constatou-se que essas etiquetas utilizadas se apresentam como entradas nessas obras dicionarísticas, resguardando o mesmo pragmatismo dessas acepções.

b) pejorativo, *disapproving* e *spregiativo*

Ao considerarmos a rubrica “pejorativo”, temos a seguinte conceituação em AU:

adjetivo. 1. Diz-se de vocábulo que expressa desaprovação, depreciação ou significação desagradável. [O sufixo -ês, p. ex., quando designa um jargão¹ (3) e não um glossônimo, tem uso pejorativo: *economês*, *polítiquês*]. 2. Diz-se de vocábulo que adquiriu ou tende a adquirir significação torpe, obscena. 3. Diz-se de tal significação: *Usou a palavra moleque em sentido pejorativo*. (FERREIRA, 2010, s.v. pejorativo).

Já para HO, é “adjetivo. 1 que exprime sentido desagradável ou de desaprovação; depreciativo, despectivo (diz-se de palavra ou expressão). 2 Derivação: por extensão de sentido. desfavorável, aviltante.” (HOUAISS, 2009, s.v. pejorativo). Com isso, percebemos que intralinguisticamente, temos coincidência de significados.

Da mesma maneira, isso se repete em outras línguas como inglês e italiano, como notamos respectivamente em “demonstrar que algo/alguém não é aprovado: olha, tom de reprovação”⁸ (OALD, 2015, s.v. *disapproving*) e em *spregiativo*:

adj. 1 que demonstra ou expressa desprezo: epíteto depreciativo; a palavra *beghina* em sentido pejorativo significa ‘intolerante’, ‘fanática’. 2 (gram.) dito de forma diferente, de um substantivo ou adjetivo, designa algo/alguém considerados com

7 No original: “il linguaggio e lo stile pesanti e involuti dei burocrati”.

8 No original: “disapproving. showing that you do not approve of sb/sth: a disapproving glance / tone / look”.

desprezo: os sufixos *-onzolo*, *-ucolo* e *-ume* têm valor pejorativo⁹ (ZINGARELLI, 2013, s.v. *spregiativo*).

É necessário atentarmos ao fato de que o uso cotidiano das palavras no âmbito coletivo, entretanto, contribuirá para que o sentido apropriado seja captado, dado que as obras dicionarísticas, comumente entendidas como solucionadoras de conflitos, podem acabar por gerar outros por conter diversas acepções sob uma mesma entrada.

Passemos a outros exemplos de etiquetagem inglesa, no Quadro 4.

Quadro 4. Rubricas em *blinkered*

ENTRADA	OX
<i>blinkered</i>	BrE NAme <i>disapproving</i>

Fonte: Elaboração própria

Outro exemplo do OX diz respeito a *blinkered* que, além das marcas diatópicas BrE (inglês britânico) e NAme (inglês norte-americano), também apresenta *disapproving* que indica uso pejorativo, vejamos: *blinkered. adjective. BrE /'blɪŋkəd/; NAme /'blɪŋkəd/*. “(desaprovação) não haver ciência de todos os aspectos de uma situação; sem disposição para aceitar ideias diferentes sobre algo: uma política/atitude/abordagem limitada”¹⁰. Se não houvesse essa marcação, provavelmente um consultante, aprendiz de língua inglesa, não compreenderia esse aspecto depreciativo que se faz presente pelo uso dessa lexia. Vale mencionar que essa também é uma etiqueta que não é encontrada em sua versão *on-line*.

A seguir, temos uma comparação interlinguística da entrada *oscurantismo* e seu equivalente tradutório em português, no Quadro 5.

9 No original: “spregiativo. agg. 1 che mostra o esprime disprezzo: epiteto spregiativo; la parola ‘beghina’ in senso spregiativo significa ‘bigotta’. 2 (gramm.) detto di forma alterata di un sostantivo o di un aggettivo che designa qlcu. o qlco. considerati con disprezzo: i suffissi *-onzolo*, *-ucolo* e *-ume* hanno valore spregiativo”.

10 No original: “(disapproving) not aware of every aspect of a situation; not willing to accept different ideas about something; a blinkered policy/attitude/approach”.

Quadro 5. Comparação entre os lemas *oscurantismo* e *obscurantismo*

ENTRADA	ZI	ENTRADA	AU	HO
<i>oscurantismo</i>	<i>speg.</i>	obscurantismo	∅	∅

Fonte: Elaboração própria

Outra lexia à qual nos deparamos, em Zingarelli (2013), foi *oscurantismo*, cuja definição apresenta a rubrica *speg.* como se nota em sua segunda acepção: “obscurantismo. 1 no século XVIII, conjunto de ideologias adversas ao Iluminismo. 2 (pejorativo) oposição a qualquer forma de progresso social e inovação cultural”¹¹. Despertou-nos a atenção o fato de que tanto AU quanto HO não etiquetam a entrada “obscurantismo”:

obscurantismo. Substantivo masculino. 1. Estado de quem vive na escuridão. 2. Ausência de conhecimento; ignorância. 3. Reprovação ou oposição ao esclarecimento. 4. Política de fazer alguma coisa com o objetivo de impedir o esclarecimento da massa por considerá-lo um perigo para a sociedade. (FERREIRA, 2010, s.v. obscurantismo).

obscurantismo. substantivo masculino. 1 estado de quem se encontra na escuridão, de quem está privado de luz. 2 falta de instrução; ignorância. 3 atitude, doutrina, política ou religião que se opõe à difusão dos conhecimentos científicos entre as classes populares. (HOUAISS, 2009, s.v. obscurantismo).

Provavelmente, se o Brasil não estivesse vivenciando um momento de tendências políticas vigentes que têm procurado dificultar o progresso intelectual e mesmo o acesso do cidadão tanto à ciência quanto às artes, não teríamos nos detido para essa questão lexicográfica. As ciências evoluem em linha reta e aquilo que não se sustenta por fatos científicos é descartado; entretanto, há ideias ou credices que permanecem e seguem inabaláveis em nossas sociedades, tais como, terraplanismo, curandeirismo, movimentos antivacina, negação sobre as mudanças climáticas. Assim, o fazer lexicográfico é, dentre outros, um fazer científico que precisa estar atento à evolução humana e, conseqüentemente, ao pragmatismo social.

Ao finalizarmos nossas análises de alguns verbetes, podemos comparar as marcas de uso presentes no lema “cigano” e seus equivalentes tradutórios *gypsy* (em inglês) e *zingaro* (em italiano) no Quadro 6, a seguir.

¹¹ No original: “oscurantismo. s. m. 1 nel XVIII sec., il complesso delle ideologie avverse all’Illuminismo. 2 (speg.) opposizione a qualunque forma di progresso sociale e di innovazione culturale”.

Quadro 6. Marcas de uso em “cigano” e em seus equivalentes *gypsy* e *zingaro*

ENTRADA	DICIONÁRIO	MARCAS DE USO
cigano	AU	Fig.
cigano	HO	<i>pejorativo</i>
<i>gypsy</i>	OX	∅
<i>zingaro</i>	ZI	fig. spreg.

Fonte: Elaboração própria

Um outro verbete analisado foi “cigano”, pois, em 2012, houve uma controvérsia envolvendo HO, precisamente em razão da lexia “cigano”, levando-se até mesmo à sua retirada da nomenclatura, temporariamente, de sua versão *on-line*. A partir do entendimento de um procurador federal mineiro – Cléber Eustáquio Neves –, essa obra dicionarística estaria causando ofensa à etnia dos ciganos por causa dos usos registrados em suas acepções: “5 (1899) *pej.* que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador 6 *pej.* que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina” (HOUAISS, 2001, s.v. cigano). Esse procurador impetrou uma ação julgada pela Justiça Federal (MG) como improcedente à tentativa do Ministério Público Federal de retirar de circulação edições do dicionário Houaiss devido à definição pejorativa ou preconceituosa da palavra cigano. Já em sua versão mais atualizada (2009), HO apresenta sete acepções, das quais a 5ª usa a marca “pejorativo” (5 Uso: pejorativo. que ou aquele que faz barganha, que é esperto ao negociar), nota-se que a acepção de traços característicos mais negativos (indivíduo trapaceador, velhaco) foi retirada.

Verificamos que há, no ZI, duas acepções para *zingaro* (“cigano”, em italiano), sendo que a segunda descreve que se trata de “alguém com aspecto desleixado e que não é asseado” (tradução nossa¹²), diferentemente, no que se refere à descrição feita de “cigano” nas obras dicionarísticas brasileiras. Em AU, encontramos oito acepções, porém, apesar de três estarem rotuladas com “Fig.”, nenhuma está etiquetada como uso pejorativo. Constatamos que, em OX, tem-se duas acepções para *gypsy* – “cigano”, em inglês –, sendo que a primeira trata sobre sua origem e a segunda corresponde a um sinônimo (*traveller*), mas sem etiquetagem, podendo-se dizer que é o mais objetivo dentre os quatro dicionários analisados. Ainda em ZI, é possível encontrar notas de uso para algumas lexias, tais como *zingaro*, destacando que se tratam de estereótipos linguísticos que refletem preconceitos frequentemente negativos sobre grupos sociais, profissionais, étnicos.

12 No original: “2 (fig., spreg.) persona dall’aspetto sciatto e trasandato”.

Vale ressaltar que os dicionários utilizados correspondem a obras de ampla representatividade nos sistemas linguísticos analisados – inglês, italiano e português (Brasil) – portanto, é inevitável que se furtem da descrição de determinados usos avaliativos, levando-os a realizá-la de maneira clara e abrangente.

À guisa de conclusão

A análise das marcas de uso contidas nos verbetes extraídos do *corpus* – AU, HO, OX e ZI – leva-nos a refletir sobre sua necessidade e contribuição. É importante não perder de vista que os dicionários são obras representativas que descrevem o léxico de determinada(s) língua(s) e, além disso, que são produzidos e editados por indivíduos passíveis de serem atravessados por vários discursos, entre os quais, por exemplo, o discurso do preconceituoso, do xenofóbico, do misógino etc., por isso não é de se estranhar que estejam presentes nas obras dicionarísticas pelo modo como as unidades lexicográficas aparecem descritas.

Nesses quase vinte anos do século XXI, temos percebido que os brasileiros estão, cada vez mais, sensíveis às várias formas de discriminação, sobretudo, incentivados por movimentos representativos de grupos ora discriminados, minoritários ou não (pobres, negros, homossexuais, deficientes, mulheres, umbandistas etc.). Além disso, há toda uma discussão sobre o uso de formas masculinas e femininas ao se referir a profissões (por exemplo, presidente ou presidenta). Diante de nossa sociedade brasileira que vive em meio ao politicamente correto, essas são discussões muito atuais e necessárias.

Assim sendo, há diversas unidades lexicográficas que são etiquetadas com marcas de uso, geralmente, a partir da percepção do lexicógrafo que passa a ser foco de uma tensão que o compele reiteradamente a ter de optar por usar as marcas e perpetuar sua(s) possível(is) discriminação(ões) ou por determinar, linguisticamente, estabelecendo aquelas lexias que são ou não, social e politicamente, tidas como apropriadas na sua sociedade ao seu tempo, quer dizer, com isso, não deixar transparecer na microestrutura os preconceitos já lexicalizados.

Cada uma dessas opções não é simples de ser escolhida, pois, por um lado, o lexicógrafo pode se resguardar sob uma postura científico-descritiva, argumentando que o dicionário, como reflexo da sociedade, deve escrever o léxico associado aos valores sócio-histórico-político-culturais que o constituem; por outro lado, o dicionário pode demonstrar uma ideologia inerente a seu autor a qual pode levar o consulente a uma compreensão restrita ou particular que possa não corresponder à mesma da sociedade.

Portanto, é flagrante que há muito a se discutir sobre a presença ou ausência da ideologia do lexicógrafo em sua obra; porém, é sensato considerar que as marcas de uso são

fundamentais para que o consultante tenha uma compreensão mais ampla do léxico da língua que lhe interessa.

Agradecimentos

O autor agradece a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento à pesquisa que deu origem a este artigo.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M. T. C. Aurélio: sinônimo de dicionário? *Alfa*, v. 44, p. 27-55, 2000.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma interpretação à lexicografia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

COROA, M. L. *Para que serve um dicionário?* São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CORRÊA, L. Dicionário eletrônico onomasiológico semasiológico do português brasileiro/espanhol rioplatense para o Mercosul. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2012.

CORREIA, M. *Os dicionários portugueses*. São Paulo: Leya, 2013.

FAJARDO, A. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. *Revista de Lexicografía*, v. 111, p. 31-57, 1996-1997.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11a*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. (versão eletrônica)

FIORIN, J. L. Norma e Dicionário. In: ZAMBONIM, D. J. (org.). *Estudos sobre Lexicografia*. Ano VII, n.1. Araraquara: UNESP, 1993. p. 93-104.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2009.

GARRIGA ESCRIBANO, C. Marcas. In: GUERRA, A. M. M. (coord.). *Lexicografía española*. España: Editorial Ariel, S. A., 2003. p. 115-119.

LARA, L. F. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 1996.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 133-152.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 15-43.

OALD. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. 9. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015.

ORLANDI, E. P. Discursive lexicography. *Alfa (São Paulo)*, v. 44, p. 97-114, 2000.

PORTO DAPENA, J. Á. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Gredos, 2002.

STREHLER, R. G. As marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 169-178.

WELKER, H. A. *Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2003.

WELKER, H. A. Marcas de uso. In: WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 130-149.

ZINGARELLI, N. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 2013.